

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Isabel Aparecida Cangemi Gregorutti

Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso

Franca/SP

2022

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Aparecida Helena Costa da Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca/SP

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

Isabel Aparecida Cangemi Gregorutti é formada em Enfermagem e trabalhou como professora do curso Técnico em Enfermagem da Etec. Dr. Júlio Cardoso, de 1987 a 2022. É empresária uma clínica médica.

Elaboração do roteiro de pesquisa: Aparecida Helena Costa

Local da Entrevista: Etec. Dr. Júlio Cardoso

Data: 19 de maio de 2022

Duração: 35 minutos e 13 segundos

Número de vídeo: 01

Transcritora: Aparecida Helena Costa

Número de páginas: 14

Transcrição da entrevista

Transcritora: Aparecida Helena Costa

Data: maio de 2023

Aparecida Helena Costa (AHC): Olá! Eu sou professora Aparecida Helena Costa, eu sou professora na Etec Dr. Júlio Cardoso, hoje eu vou entrevistar a Isabel Aparecida Cangemi Gregorutti, ela é professora do curso de Enfermagem, trabalha conosco a bastante tempo e hoje Isabel vai nos conceder essa entrevista falando um pouco da sua origem, um dos nossos focos também é sobre empreendedorismo feminino e sobre o empoderamento.

Então ela, que tem acesso como professora do curso de Enfermagem, que a maioria das alunas são mulheres e ela vai estar nos auxiliando um pouco sobre isso. Então, Isabel, boa tarde, muito obrigada.

Isabel Aparecida Cangemi Gregorutti (IACG): Muito obrigada pelo convite

AHC: Então nos fale um pouco sobre a sua origem, sua origem familiar.

IACG: Eu sou a filha mais velha de um casal Ana e Sebastião, eles vieram da zona rural de Ribeirão Preto e mudaram para Ribeirão Preto quando se casaram. Eu sou a segunda filha, segunda gestação, primeira filha, porque a primeira gestação, a minha mãe perdeu. Disse que ela tinha 16 anos e não tinha nem ideia do que era gravidez. E aí eu nasci, ela tinha 18 anos. Eu tenho um irmão 2 anos mais novo e 2 irmãs gêmeas 4 anos mais nova. É e sempre foi muito complicada a... a educação dos 4 filhos, porque é meu pai ele trabalhava de manhã, de tarde e de noite. Ele depois de um tempo, ele foi funcionário da prefeitura de Ribeirão Preto, na área do pronto-socorro onde ele era telefonista e durante o dia ele era vendedor. E minha mãe era lavadeira, Lava roupa para fora. Aqui nem falavam, lavava roupa, e nós e fomos educados junto com ela lavando roupa. Eu tenho um referencial muito forte, que foi a minha vó, uma filha de italianos, Mantovani, era uma Senhora muito... muito falante e muito inteligente, e que praticamente a educação infantil foi ela que deu, no caso do tanto que foi pensado a vida da minha mãe quando...é... tinha casado trabalhando, marido, ajudava pouco. E... criando os 4 filhos, inclusive o mais forte foi o nascimento de 2 meninas não é tão... tão difícil de cuidar. Eu fiz toda a minha formação escolar em Ribeirão Preto. E o marco muito interessante, que eu estudei em uma escola era uma sala e eu fui para escola com 5 anos e meio. É e eu estava alfabetizada com 6 anos e meio. E quando eu fui para o grupo escolar, não é que era na verdade um lar Santana Ribeirão Preto, onde era... as professoras eram freiras. E é um marco interessante porque é foi na época da ditadura, e eu tinha professoras que eu adorava aqui foi, era muito boa, são muito boas lembranças. Eu tinha assim uma segurança muito grandes e elas sumiam, e ninguém falava que era. Hoje quando fala daqui a ditadura daqui dali eu fico pensando assim o quanto para uma criança de 7 anos era difícil ver os professores sumirem e ninguém dizia o que era. Aí eu fui por grupo escolar, Sinhá Junqueira, na Vila Tibério Ribeirão Preto, que é um lugar onde tem uma criação, uma população grande de italianos ou descendentes de italianos, a aí eu fiz o último ano de primário, na época era primária lá e fiz a primeiro Vestibulinho meu, que foi Vestibulinho para entrar na... no ginásial. Aí eu fui para uma escola recém-construída por perto da minha casa na Vila

Lobato. E uma coisa que eu lembro bem que. Nós tínhamos uma educação muito, muito, muito boa, como professores excelentes. E na época era primeira série e série do ginásial, Né! Hoje seria sexta série, quinta série sexta, sétima oitava, e quando eu cheguei na oitava série, eu tinha um professor de matemática e a gente já tinha 14 anos e muitas meninas iam para de trabalho de... de loja, de banco, né e aí eu lembro bem que ele me falou assim: - você vai trabalhar no banco? Eu falei para ele, única coisa que eu vou fazer é estudar, porque... mesmo porque a minha mãe falava, não, você tem que ir trabalhar o meu pai já não, meu pai já tinha um pouco mais de visão de que o estudo era fundamental. Esse professor me falou isso e eu fiz o outro vestibulinho que era para entrar no ginásio... no colegial que hoje ensino médio. E eu fiz e... eu fiz num colégio que ninguém fazia, que era o Otoniel Mota, em Ribeirão Preto, porque o pessoal da periferia não passava no Otoniel Mota, que era um qual é um colégio de muito renome e estudava às pessoas de alta sociedade, mesmo não sendo é... paga escola, era uma escola muito... quem entrava lá, erha os “bam bam bam”, tanto que hoje a gente tem, eu tenho e tenho como lembrança de colegas, de pessoas muito ilustres, né? A Ernesto Paglia, o Palocci, o Palocci era mais velho um pouco, mas ele era também do Colégio Otoniel Mota e vários outros, né? Eu fui para o Otoniel Mota, mas quando eu cheguei no Otoniel Mota foi um baque e por quê? E depois eu até fiz um levantamento, de que lugar que eu peguei foi um dos lugares mais acentuados, assim não era 100 e poucas que 120 numa seleção de da cidade inteira, e eu nunca tinha ideia disso. Eu fiquei sabendo depois, depois não agora há pouco tempo. E lá eu fiquei muito perdida porque além da diferença da classe social, a...a... era muito mais evoluído porque todo mundo que estuda desde o primeiro da sexta série. E o que, que aconteceu, eu repeti a ser o segundo colegial. Eu já estava no colegial repeti e como Eu repeti eu precisava de tirar 9,5 não é porque era de zero a 10. Em química eu tirei 9. Na segunda... na segunda época e eu tive um problema muito grande assim de adaptação muito difícil para mim. A minha mãe falava que não era para estudar lá era longe. Eu ia a pé, né? E... mas eu consegui, no ano seguinte, fazer estava e foi um ano que eu fiz inteiro sabendo tudo, porque eu fiquei de matemática a hora que professor falou que eu tirei 9, ele eu não ia passar aí. Hoje ele ficou entendendo tanto que a gente pensa na questão da avaliação, o tanto de critérios é usado. Não terceiro colegial eu fiz a vez... o cursinho junto, porque eu estava atrasada dos meus amigos. E... e quando eu fui prestar o vestibular para a faculdade. Eu já pensava no terceiro ano já em fazer Enfermagem, porque eu pensava que primeiro eu teria um emprego rápido, né! que é o que eu digo para as minhas alunas hoje, você sendo um bom profissional de enfermagem, você tem emprego em qualquer lugar, e eu como mulher e o destino era sempre todos falavam: é...que você vai casa, vai ter filhos e outra profissão limitava um pouco dessa educação com os filhos. É... Nesse

momento, a minha mãe da Lava roupa, meu pai ainda trabalhava bastante. E eu fui quando eu passei no vestibular, eu fui a primeira dos primos, a família Cangemi todinha, nunca ninguém tinha entrado numa faculdade, eu é eu sou. Não é a prima mais velha da família, do meu pai e a mãe. E eu fui a primeira que entrei na faculdade e uma faculdade pública, nenhum outro dos meus primos ninguém estudava tanto tempo, todo mundo ia trabalhar mesmo as meninas. Eu tenho uma xará que chama Isabel também, uma prima que também foi fazer faculdade depois que se casou, que o destino casar e eu ai meu Deus, casar não. Eu lembro que eu tinha um namorado, ele falou, nós vamos nos casar, eu tinha 16 anos, eu olhava para ele assim e nossa, que estranho, não é isso que eu desejo porque eu desejava realmente ter uma Independência financeira. Quando eu passei no vestibular, eu passei em São Carlos, em julho de 1978, e meio. Era uma faculdade federal que era segunda turma de enfermagem. Eu, eu tanto que eu tinha tirado nas notas, dava para entrar numa faculdade de medicina, mas eu nunca pensei na faculdade de medicina, interessante que eu não tinha essa pressão, mas que algo que talvez seja questão de que eu pensava em trabalho e logo porque estava faltando dinheiro era sempre cobrado isso, é outra questão, era que eu me sentia também incapaz de tantos anos de estudo, 8 anos, isso tudo para depois entrar no mercado de trabalho. Fui para São Carlos e descobri um mundo, né? Estou falando muito Cida.

AHC: Não, está perfeito até assim, deixando claro que nós conversamos antes, né? Sobre os temas que seriam abordados, então você está falando muito bem, pode dar prosseguimento sim?

IACG: É o que eu acho interessante na faculdade de Enfermagem né, que era bem na volta da ditadura, eu aí seu estava falando da ditadura, eu entendi o que tinha acontecido comigo, desde lado do primeiro do primário, já tinha há mais de 10 anos ou 12 anos, pouco mais de uns 14 anos e que até a década de 60 até 70, né? E eu não tinha ideia do que tinha acontecido no país. Então a faculdade, a universidade abriram muito, muito, muito meu pensar, muito. E isso trouxe, é uma visão assim, muito, muito importante de a questão de saúde coletiva, de saúde pública, que são os coletiva e de ensino, que era minha formação. Aí eu fui para... formada, eu fui para São Paulo, trabalhei em um hospital. E passei em um concurso público do antigo Inamps que é o antigo SUS. E aí eu fui trabalhar numa periferia de São Paulo, num hospital infantil, e eu já estava casada e meu marido, é Francano, pensando já na educação dos filhos, só tinha uma filha já, eu vim para Franca para... lá com concurso público para trabalhar num ambulatório, de especialidades. E daí na primeira semana, eu fui convidada por uma professora, é... e a diretora da escola,

Doutor Júlio Cardoso, em 1986, é para aula na Escola Industrial. Quando eu cheguei na Industrial era início de 87. Eu cheguei industrial, nós tínhamos 4 alunos. O curso era de... era como referente ao ensino médio, e eu fui da aula realmente do que eu gostava, que era pediatria. E aí eu dá... eu trabalhava no Inamps e trabalhava na escola, e naquele ano foi o único ano que eu dei poucas aulas, porque em 87 já veio a lei do exercício profissional, nós começamos a ampliar esse número de cursos, eu não era coordenadora ainda. Fui coordenadora em 91, quando eu comecei a coordenar o curso de enfermagem, foram 11 anos, e nessa fase de 90, todo o ano seguinte, dá da lei do exercício de enfermagem. A gente formou grande rede e tiramos os antigos atendentes, estar a formação de TI, de auxiliar e técnico. E aí nesses anos de mudança, até pelo Centro Paula Souza foi muito, muito puxado, foi muito intenso, mas também muito importante para a formação dos técnicos de enfermagem da cidade de Franca e foi ampliando muito a formação dos cursos da escola. E chega um momento que nós tínhamos quase 20 professores trabalhando só na nossa área e 178 cursos em andamento e eu coordenando. Então era intenso, mesmo muito grandes e aí nós praticamente fizemos a formação de quase todos os alunos da cidade, os técnicos de Enfermagem das cidades, que não eram técnicos. Quando foi em 87? É eu falei 87 que eu chego em Franca, não é? Não, eu cheguei antes eu cheguei em 86 mesmo.

AHC: Oi.

IACG: Em 88 eu fui para o Senac e que é uma instituição também muito importante na minha formação, que deu a oportunidade de montar um curso de enfermagem lá. E aí durante um ano, eu fiquei montando, montei o curso, começou o primeiro curso lá e depois disso, nesses anos todo, até hoje eu dou aula na escola Doutor Júlio Cardoso, 35 anos, sem interromper um dia. E aí eu continuava, no ambulatório de especialidades. E desde a minha formação, eu sempre gostei muito da área de aleitamento materno. Eu hoje tive três filhos, amamenteei a minha primeira filha, que nasceu em São Paulo, a segunda filha, que nasceu aqui, e hoje tem 35 anos, e o meu filho, que fez 31 anos, também amamenteei, e durante todos esses anos eu sempre tive essa disponibilidade, que fora mãe 2 empregos, eu atendia no domicílio as mulheres que me chamavam para os cuidados de aleitamento materno. Com isso é, eu trabalhei, é junto assim, com gestantes de alto risco e diabéticas. Eu tinha juntado material grandes para poder ir para a universidade. Eu já estava fazendo, já tinha dados para entrar até com um trabalho, de aqueles trabalhos que a gente eu e a apresenta para poder pedir para ir fazer a prova do Mestrado. Eu fui, na USP de Ribeirão, já estava com tudo pronto, era 96, e eu tinha uma amiga que hoje já faleceu, que foi minha

amiga de faculdade de colegial em Ribeirão Preto. E ela me perguntou assim, por que eu queria poder ir para a universidade? Eu falei a eu acho que primeiro que cumpriam o que eu aprendi na universidade, que era a questão de educação, continuar a pesquisa, continuar todos os trabalhos. Aí ela falou como que é a sua formação lá na escola e no trabalho com a população? Aí eu falei é ótimo, eu faço tudo que eu gosto, eu faço toda a consulta de enfermagem com os alunos têm cada dia mais, a gente tem muita oportunidade de desenvolver muitos, muitas formações. O Centro Paula Souza sempre deu muita formação, e aí eu já era licenciada, né, e aí, todos os cursos que apareciam era muito, importante, sempre teve muita atividade, em cima disso. Ela falou então porque é que você quer vir para a Universidade? Ai ela e o dinheiro você ganha bem? Eu na lá época até que eu ganhava bem porque o INAMPS pagava bem na época também, a escola mais ou menos, mas estava num processo de mudanças. Hora que ela me falou isso, ela falou, você tem 3 filhos, está gostando do trabalho, a universidade vai tomar muito tempo de você. Ai, eu voltei para casa com aquele monte de material, muito material gere quase 7 anos de consulta de enfermagem em diabetes, pois eu estava com tudo na cabeça né e encontrei uma colega de trabalho que a minha apresentou algo que eu sempre fui muito ligada, que a questão do entender a parte emocional do ser humano, desde antes de fazer enfermagem, segunda opção era psicologia. E aí, eu comecei a fazer uma formação em psicoterapia corporal. Em 96, logo depois desse encontro dessa minha amiga. E aí 97, eu comecei essa formação e faço ela até hoje. E já em 98, eu comecei a me inteirar melhor já comecei a estar atendendo, treinando com uma supervisão e do não nos primeiros 3 anos eu já estava, eu tinha sublocado um consultório junto com uma colega. A Miriam que hoje é a minha sócia também e a Vera que é outra colega que é do Centro Paula Souza, nós já tínhamos sublocado uma sala que atendia massagem, eu já estava começando a atender psicoterapia corporal e já utilizando esse espaço também para atender as gestantes, as gestantes e as puérperas em aleitamento materno. E aí não parou mais, não é?

AHC: E você não fez o mestrado, mas fez uma especialização na segunda opção que você mais gostava e montou a empresa dessa área, não é? Continuou fazendo o que gostava.

IACG: Sim. E aí foi muito interessante que em 2013, nós sempre juntas, eu acho isso fundamental, você fazer parceria o tempo todo têm diferenças de cada um, é de um jeito, mas sempre muito importantes. E as ideias e a gestão daquilo tudo é tanto que uma. Quando uma resolvei uma coisa sempre 2 que resolve, né, e quando a gente não gosta que é quem não participou, a única não participou pouco e foram as 2 que resolveram, nós vamos continuar a aceitar. E isso sempre foi muito, muito bom. Em 2013, nos juntamos um

recurso financeiro das três e compramos um terreno e construímos um espaço. Então desde 2013 nós montamos a clínica NeoReichiana, que voltada para os trabalhos na linha corporal da psicoterapia corporal e nós temos 5 salas, 3 nossas 2 locadas por 2 colegas e a gestão é feita em parceria com todos. Temos uma Secretária que foi formada na escola Doutor Júlio Cardoso no curso de secretariado. E todo tudo que precisa ser resolvido, se resolve junto com essas 2 pessoas que não são donas da empresa, mas tem sempre a mesma linha de pensamento, é hoje eu atendo às consultas de enfermagem às orientações de aleitamento materno, no consultório e em domicílio. Sou aposentada do Inamps né? Onde eu deixei numa fase em que eu estava e voltando muito mais para as aulas, dando muito mais aulas na escola. Foi um momento que eu interrompi o Inamps e fiquei na escola, estou na escola até hoje e no consultório de enfermagem. Na verdade, acho que é único consultório registrado na prefeitura de Franca como consultório de enfermagem.

AHC: Isabel eu fico assim, lisonjeada em ouvir esse depoimento seu, a gente vê os professores passando pelos corredores, e fala o professor vai lá da aula dele, não é? E olha que história de vida que você tem? E quando nós olhamos para o empreendedorismo e as características do empreendedorismo, é algo que você traz, não é? Quando você explicou desses 16 anos, né? Será que casar é a melhor ideia? Eu preciso trabalhar, eu preciso de uma profissão, eu preciso estudar para ter uma profissionalização melhor. Não é, ter uma remuneração melhor, isso é muito bom, e eu só gostaria de fazer mais uma pergunta com relação a sua atuação aqui e com as alunas, como nós temos muitas alunas no curso de Enfermagem, você percebe esse aspecto de quando a aluna chega para quando ela sai essa questão de empoderamento através do conhecimento da educação e da condição financeira que é adquirida com a oportunidade de trabalho?

IACG: Olha Cida eu estou com um exemplo muito próximo. A gente tem vários exemplos, não é? E nós somos um grupo de professores na escola muito atuantes, muito atuantes, em vários aspectos, né todas trabalham fora que nem eu, trabalham no mercado na rede pública, na rede hospitalar e dão uma aula, mas são muito intensas nas aulas. A prioridade são a formação dos alunos e nós temos quase 90%, de alunas mulheres, né? E durante esses anos todos tenho dois exemplos muito interessantes. Não é um exemplo de uma moça casada, muito bem-casada, e que por hobby, veio fazer o curso de enfermagem, ela já tinha filhos uma muito bem é casada, sim, muito bem e ela sempre falava isso pra gente. Nossa, vocês trabalham de mais, eu não vou trabalhar, eu vim fazer um curso por hobby. E ela era muito inteligente, mas ela era muito indisciplinada com a questão de horário e tudo e nós, sempre nós, porque eu digo que todas temos assim. Olha, Fulana, senão servir

esse curso para agora, vai servir para você está atuando junto com a sua família ou atuando na comunidade como um serviço de e comunitário. E ela era de uma cidade muito pequena e o marido dela era motorista de ambulância e ele teve um acidente e morreu. Quando ele morreu, ela descobriu o que ela nunca tinha imaginado, que o marido tinha outra família, com mais filhos, e ela ficou sem recurso nenhum financeiro para manter aquela estrutura de vida que ela tinha. E aí, anos depois a gente se encontrou com ela. Ela disse, se não fosse o curso, eu estaria lá, ela mora em uma cidade perto, catando um café. Ela falou pra mim e hoje eu fico pensando tanto que vocês insistiram para eu não faltar pra eu vir. Isso é muito interessante, muito, muito, é um dos exemplos, antigo, mas é muito importante. Eu exemplo desse semestre, estou com uma aluna muito indisciplinada, uma história de vida muito difícil, mas muito difícil. E aí ela disse, eu vou parar o curso porque eu vou para São Paulo aí falando com a gente, comigo, né? Nesse caso, foi comigo, aí eu falei, mas porque você vai para São Paulo agora, aí porque eu vou arrumar emprego, eu vou, eu vou trabalhar lá no não sei aonde eu fui, mas aonde? E aí você vai dando dados e essa experiência fazendo com que ela pense o que é que ela vai fazer, ela falou professora depois da conversa com a Senhora, eu vi que eu posso fazer a minha formação aqui em Franca, terminar meu curso técnico e com o meu diploma ir para São Paulo, que foi o que eu fiz, não é pegar e trabalhar num lugar perto da onde eu tenho meus familiares e aí eu não vou ficar passando tudo aquilo, que todo mundo passa de ônibus,, de trânsito, de tudo porquê aqui eu tenho segurança, eu sei que eu vou ter uma boa formação, eu tenho um campo de estágio perto, eu vou melhorar e aí ela acalmou e virou outra aluna.

AHC: Olha...

IACG: Outra aluna, tanto que isso foi assim visível, então eu vejo que é o mercado é de mulheres, as mulheres hoje dentro das alunas da industrial nós temos uma grande alegria que elas passam sempre nos primeiros lugares nas provas, nos concursos, principalmente concurso da prefeitura. E todas mudam, mudam muito, muito, até as Mulheres que são mais velhas, eu tenho uma aluna até nem preciso falar o nome dela, ela era muito tímida, ela falava assim, nunca que eu vou arruma emprego professora nunca, ela era casada também, um casamento muito difícil e há como que a gente sabia disso, ela falava assim, nossa professora, meu marido hora que eu chego em casa, ele quer que eu vou embora, ainda fica me recriminando e falando que a enfermagem é só mulheres que são desabonadas, né para não falar outra coisa. Ela passou no concurso da prefeitura, entrou Covid, ela foi trabalhar na Ala Covid, ela se destacou muito mais velha, muito mais que responsável, todo mundo gostou dela. Passou no concurso da prefeitura, está trabalhando

na prefeitura e ainda está. já fechou a Ala Covid, chamaram ela para trabalhar em outra Ala. Eu não sei dizer o tanto que é assim, gratificante ver esses exemplos e são pouco. Esse é um exemplo, né? Mas eu tenho inúmeros exemplos para isso, até a nossa coordenadora foi nossa aluna, e ela é uma pessoa inteligentíssima, né maravilhosa. Nós temos duas professoras que foram nossas alunas, então o tanto que é importante. Eu sou suspeita de falar, porque eu acho que é que nem fala a minha colega de consultório, que é a Vera e que também é uma pessoa maravilhosa, e, também, está nessa jornada comigo no consultório. E ela fala assim que eu amo enfermagem e eu também amo a enfermagem. Eu tenho tudo que eu tenho, foi porque eu trabalhei, na enfermagem e como professora e isso agradeço muito o Centro Paula Souza, em tudo, porque tudo que eu tenho hoje pessoal e como conquista, eu devo ao trabalho que eu desenvolvi em todos esses anos .

AHC: Muito bem, Isabel. Olha e fica a seu critério, se você quiser dizer mais alguma coisa, eu estou muito satisfeita. Pelo seu trabalho, pela sua história de vida, pelo que você transmite para suas alunas, né? O empenho de vocês da enfermagem é muito maior do que um professor que só ministra aulas, né? Vocês trabalham a história de vida de cada pessoas e instiga nelas nessa e a resignação, né? Que são características empreendedoras, quando nós falamos empoderamento, né o trabalho e é uma forma de empoderamento. Durante vários momentos nós falamos sobre relacionamentos, sobre casamento, a mulher, filhos. São vários fatores que envolvem aí ela tem que conciliar isso tudo com o lado profissional. Então eu acho muito bonito esse trabalho que vocês fazem com a enfermagem, então isso demonstra não só o empreendedorismo de você ter sua empresa, mais o empreendedorismo corporativo de você estimular sua equipe. Então muito bonito isso, eu tenho só agradecer por esse momento e agradecer em nome do Centro Paula Souza e do grupo que faz sobre a história oral e memória da educação profissional. EE, são muito bonitas essas histórias que nós não temos isso em documentos aqui. Mais que isso, estamos trabalhando para que isso fique registrado, né? De cada professor que passa pela nossa unidade e que tem o seu trabalho em muito bem-feito, está eu te agradeço por isso.

IACG: Obrigado Cida. Eu, eu fico pensando quando você fala de empoderamento, que é algo que na nossa profissão, a gente sofre muito para poder se fixarem tudo isso se fala Isabel, hoje eu tenho 63 anos, né? Comecei eu entrei na faculdade com 19 e quando se fala de empoderamento, ficou pensando tanto de vezes que eu chorei porque, eu tive pessoas que iam mentir, desmereciam o meu trabalho e até humilhavam, humilhavam mesmo, principalmente os homens. Eu tive chefias que foram muito terríveis e chefias que

foram muito estimulantes, muito estimulantes. A ponto de eu lembrar agora que vamos falando até do tão famoso doutor Zerbini, que no meu primeiro emprego, hora que eu vejo estou lembro do Zerbini antigo, aquele médico maravilhoso olhou, ficou do meu lado pedindo a Senhora eu tinha vinte e poucos anos a Senhora, pode me passar isso do paciente. Então a gente encontra pessoas maravilhosas que estimulam, pessoas que de algum momento que se incomodam muitas vezes com as pessoas que tem é uma opinião diferente da deles, e querem muitas vezes colocar de maneira autoritária, conceitos e muitas vezes, até obrigando muitas mulheres a fazer coisas que não faz mesmo e que não querem mesmo enfermagem.

AHC: É. Isso acontece muito mais, assim como empreendedora, que todos esses anos que você passou, você pode ver que você superou isso com resignação e a determinação em procurar um novo caminho, nessas pessoas e situações que o estudo. Então isso é muito importante e são características aí marcantes do empreendedor. Não é que não desiste aí no primeiro não, na discriminação, no trabalho arbitrário, né?

IACG: E o estudo, o estudo Cida.

AHC: A arbitrariedade que um se que pudesse.

IACG: E isso é o mais interessante Cida é você dá dados de informação. Olha, eu sou professora é isso que me cabe olha aqui como deu resultado na enfermagem também é assim. Olha a gente trabalha muito com o próximos do dos médicos, né? E nós temos que se colocar de uma maneira muito clara do que você está fazendo, valorizando o trabalho. Nós não somos profissionais que são um em empregados dos médicos, um somos. E seguimos as normas deles. Nós seguimos o enfermeiro, né? Que é a chefia, então é essa compreensão que a gente passa pro aluno que eles têm, que está valorizando o trabalho deles como profissionais da enfermagem, não mini médicos, nem auxiliares de médicos e muitas vezes o assédio moral sexual era sofrido viu Cida. E isso era assim, a situação não se coloca. Olha, não é a minha, não quero, não é a minha categoria, não quero isso e isso se impor por olha, o meu nome é Isabel e eu estou aqui como profissional, não aceito esse tipo de colocação.

AHC: Muito bem, muito bem colocado. É um excelente registro, não é para aqui, as alunas se posicionem nesse aspecto. Aí que nós falamos empoderamento, de resiliência, de resignação, muito bom.

IACG: Obrigada.

AHC: Eu agradeço, eu agradeço aí o seu trabalho, tá? Eu espero poder falar com você mais vezes é que a gente possa se encontrar mais vezes. Eu gosto muito de pesquisar sobre enfermagem e as histórias de vocês são muito bonitas, eu vejo e até na formatura é muito bonita, né? A aluna entrando com aquela lamparina acesa, a gente vê aqui a profissão do enfermeiro, ela tem um significado muito forte, além da profissão, não é? É amor o trabalho e muito mais.

IACG: Obrigada viu.

AHC: É tanto profissional quanto emocional, não é um trabalho intenso.

IACG: Sim, e eu juntei as duas coisas.

AHC: Muito bom e a sua formação contribui com isso, né? Faz com que isso seja.

IACG: E me ajudou muito, me ajudou muito a entender o aluno. A entender as dificuldades e isso favoreceu muito uma tranquilidade para poder estar dizendo isso para você hoje, é como mulher não é fácil, tentado várias, vários períodos, várias dificuldades, várias críticas e autocríticas, né? Então isso é muito, muito difícil, mas é sinto que é, uma areinha lá, a gente plantou, uma sementinha pequenininha, no aluno, ficou.

AHC: É muito representativo para Franca. Isabel, eu te agradeço, viu? Por essa oportunidade e a escola está sempre de braços abertos. Centro Paula Souza, sempre de braços abertos, é para estar auxiliando você para a gente está estudando e pesquisando,

IACG: Muito obrigado mesmo, gratidão.

Descritores

História oral na educação

Empreendedorismo

Isabel Aparecida Cangemi Gregorutti

Aparecida Helena Costa

Etec Dr. Júlio Cardoso
Centro de Memória
Técnico em Enfermagem
Técnico em Secretariado
Enfermeira
Consultório de Enfermagem
Especialização
Aleitamento materno
Técnico Integrado ao Ensino Médio de Enfermagem
Educação e saúde
Empoderamento
Ditadura

Dados biográficos da Entrevistada



Isabel Aparecida Cangemi Gregorutti - Graduada e Licenciada em Enfermagem, Enfermagem do trabalho e analista em biossíntese/biogenética na Universidade Federal de São Carlos/UFSCAR, trabalhou como professora do curso Técnico em Enfermagem da Etec. Dr. Júlio Cardoso de 1987 a 2022, terapeuta corporal e sócia-proprietária da Clínica Neorechiana.

Dados biográficos da Entrevistadora



Aparecida Helena Costa - Mestre em Desenvolvimento Regional pelo Centro Universitário Uni-facef; graduada em Ciências econômicas pelo Centro Universitário Uni-facef; Graduada em Licenciatura em Matemática pela Universidade Cruzeiro do Sul; Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade UNIVESP; Professora do Centro Paula Souza na Etec Dr. Júlio Cardoso- Franca, Coordenadora de curso do Ensino Médio e Novotec; desenvolve projeto se pesquisa no Centro de Memória e participa do GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional. Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/4326134027828019> Acesso em: 23 dez. 2021.

Anexo (documento sigiloso e não ficará aberto online ao público):

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Isabel Aparecida Cangemi Gregorutti